



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
GEOGRAFIA LICENCIATURA



JOSÉ SIDINEI RIBEIRO GOMES

**LUTA POR TERRA E TERRITÓRIO NO ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS EM
ÁGUA BRANCA, ALTO SERTÃO ALAGOANO**

JOSÉ SIDINEI RIBEIRO GOMES

**LUTA POR TERRA E TERRITÓRIO NO ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS EM
ÁGUA BRANCA, ALTO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial da Universidade Federal
de Alagoas-Campus Sertão, para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof^a Dra: Francisca MariaTeixeira
Vasconcelos

Delmiro Gouveia/AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

G633l Gomes, José Sidinei Ribeiro

Luta por terra e território no assentamento Todos os Santos em
Água Branca, alto sertão alagoano / José Sidinei Ribeiro Gomes. –
2022.

46 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Francisca Maria Teixeira Vasconcelos.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Fe-
deral de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2022.

Bibliografia: f. 41-43.

1. Geografia humana. 2. Campesinato. 3. Assentamento. 4.
Território. 5. Assentamento Todos os Santos. 6. Água Branca – Ala-
goas. 7. Alto sertão. I. Vasconcelos, Francisca Maria Teixeira. II. Tí-
tulo.

CDU: 911.37

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR: JOSÉ SIDINEI RIBEIRO GOMES

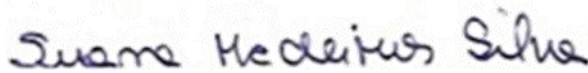
**LUTA POR TERRA E TERRITÓRIO NO ASSENTAMENTO TODOS OS
SANTOS EM ÁGUA BRANCA NO ALTO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial da
Universidade Federal de Alagoas-
Campus Sertão, para obtenção do grau
de Licenciado em Geografia.

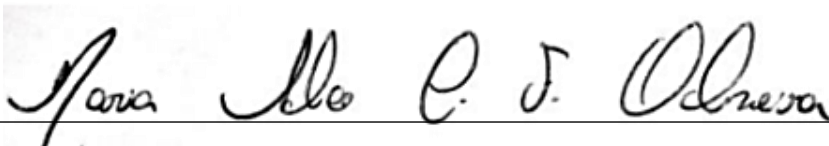


Prof.^a Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos (orientadora)

Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Suana Medeiros Silva



Prof.^a Msc. Alice Costa Fernandes de Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me ajudaram nos estudos desde a fase escolar e a todos os trabalhadores da roça, fonte de inspiração para esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a minha família, minha avó: Maria José da Conceição Ribeiro que se preocupou comigo e me ajudou em toda minha formação, minha mãe: Maria Aparecida Ribeiro Gomes que esteve presente nos momentos que precisei, minha companheira: Luciana Ferreira que me incentivou a fazer esse trabalho, a meu pai Lourival Gomes Correia e meu avô José Leonardo Ribeiro que ambos foram importantes para a minha formação, aos meus irmãos: Paulo Sergio Gomes Correia, Marcos Eugênio Ribeiro Gomes e Vitória Ribeiro Gomes que me ajudaram cada um a seu modo na minha formação. Aos meus sobrinhos: Pedro Henrique, Saulo e Nicolas.

Agradecer aos meus professores do ensino fundamental e médio em especial ao professor Zé Silva que me incentivou a entrar no curso de geografia além de ter sido figura importante em toda minha formação, aos professores Clóvis e Evandro incentivadores da minha formação e entrada na docência.

Agradecer aos professores da UFAL: Kleber Costa, Felipe, Gutemberg, Maria Aparecida, Ana Cristina, Sara, Leônidas, Daniele, Zeno, Fernando, por terem me ajudado na graduação e em especial a minha orientadora Francisca Vasconcelos por ter contribuído com a formação de conhecimento através do presente trabalho.

Por último, agradecer aos meus colegas de graduação que cada um ao seu modo me ajudaram nessa fase onde o trabalho em conjunto foi importante. Também e pra finalizar; aos trabalhadores do assentamento Todos os Santos que foram inspiração para esse trabalho e todos que se disponibilizaram a responder as entrevistas que realizei.

A todos muito obrigado.

RESUMO

Os assentamentos advindos da reforma agrária brasileira, ainda trazem consigo muitos problemas no enfrentamento da luta pela terra e principalmente pela conquista do território, esses movimentos socioterritoriais, assim como a entidade CPT, buscam soluções na tentativa de resolver esta problemática. No assentamento Todos os Santos/Chupete no município de Água Branca, no alto sertão alagoano, não é diferente. Neste, a luta iniciou no ano de 2004 e mesmo após a conquista da terra, o campesinato ainda enfrenta muitas lutas pelos seus direitos até os dias atuais. Esse trabalho tem por objetivo analisar a história da luta por terra e território no assentamento, bem como seu processo de territorialização, mostrando as disputas, conquistas e sonhos das famílias. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica também foi realizado trabalho de campo com questionários semiestruturados, para auxiliar na busca das informações necessárias à elaboração deste. O trabalho traz reflexões sobre a importância dos movimentos sociais no apoio aos trabalhadores sem terra e, busca entender as dificuldades encontradas nas lideranças e assentados na luta pela sua territorialidade e empoderamento.

Palavras Chave: Luta; Reterritorialização; Campesinato; Assentamento Todos os Santos.

ABSTRACT

The settlements arising from the Brazilian agrarian reform still bring with them many problems in facing the struggle for land and especially for the conquest of the territory, these socio-territorial movements, like the CPT, seek solutions in an attempt to solve this problem. In the Todos os Santos/Chupete settlement in the municipality of Água Branca in the upper backlands of Alagoas, the struggle began in 2004 and even after the conquest of the land, the peasantry still faces many struggles for their rights to this day. This work aims to analyze the history of the struggle for land ownership in that settlement, as well as its territorialization process, showing the disputes, conquests and dreams of the leaders of the movements for land and settlers. Therefore, in addition to the bibliographic research, field work was also carried out with semi-structured questionnaires, to assist in the search for the necessary information for its elaboration. The work brings reflections on the importance of social movements in supporting landless workers and seeks to understand the difficulties encountered in leaders and settlers in the struggle for their territoriality and empowerment.

Keywords: Fight; Reterritorialization; peasantry; All Saints Settlement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A LUTA PELA TERRA EM ALAGOAS.....	12
1.1 Contexto histórico.....	12
1.2 A luta pela terra no alto sertão alagoano	14
2. A LUTA POR TERRA E TERRITÓRIO NO ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS	16
2.1 A ocupação da Fazenda Chupete e luta pela territorialização das famílias	16
2.2 Conquistou-se a terra e agora? Desafios para geração de renda.....	25
2.3 A formação de um território e o acesso a serviços essenciais.	30
3. ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS: CONQUISTAS, RESISTÊNCIAS E SONHOS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A FOTOGRAFIAS	44
APÊNDICE B QUESTIONÁRIOS.....	47

INTRODUÇÃO

A problemática da questão agrária no Brasil é um tema discutido há bastante tempo, principalmente pelo seu viés de luta pela terra, ocupação de territórios e sua distribuição desigual, estes são traços marcantes nas lutas e conflitos gerados pelo capital e pelo Estado e enfrentado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e pela Comissão Pastoral da Terra-CPT, foram estes movimentos socioterritoriais¹ responsáveis por fazer frente e levantar a bandeira da reforma agrária, conquistando assim um pouco mais de justiça para o povo do campo. No estado de Alagoas, pegando como referência o Sertão, constatamos que o mesmo é marcado pela má distribuição de terra, existindo latifúndios apesar da predominância dos minifúndios. Também existiram ataques aos camponeses e aos povos tradicionais.

Logo o trabalho aqui apresentado: Luta por terra e território no assentamento Todos os Santos em Água Branca-AL, trata-se de uma pesquisa direcionada ao entendimento do processo de territorialização das famílias sem-terra em função do processo histórico de concentração fundiária pela conquista de uma fração de terra e de território no alto sertão alagoano. Estas marcas foram a principal motivação para realizarem este trabalho que tem o intuito de evidenciar essa problemática no alto sertão de Alagoas. O Assentamento Todos os Santos – CPT é fruto da luta por território que foi iniciada em 2004 e ainda persiste até hoje, ou seja, pelo espaço onde se vive, lembrando que além do espaço ocupado na própria terra, também existem intrínsecos a ela a luta pela produção, assistência técnica, educação e cultura e religião, que já se encontram enraizadas através dos laços de identidade com a terra e a comunidade que nela habita. onde este define o modo de vida e cultura das famílias assentadas.

A vivência e experiência política e social, seja no campo ou na cidade, desperta nos sujeitos que dela participaram o compartilhamento das vivências cotidianas, práticas culturais e religiosas, além de discussões com expectativas comuns. Desta forma os trabalhadores e os movimentos sociais, dos quais eles tomam parte, são constituídos a partir dos enlaces históricos que foram tecidos por cada sujeito em cada época, lugar e contexto.

Este trabalho tem caráter metodológico de revisão bibliográfica uma vez que todo o arcabouço analisado partiu de investigações preliminares, sendo estas realizadas por fontes primárias, onde couberam: dados históricos, bibliográficos e estatísticos; também foram

¹ A esses movimentos, denominamos movimentos socioterritoriais, pois tem o território como condição essencial para sua existência (DALPERIO, 2015).

investigadas fontes secundárias que são: artigos, periódicos, internet e livros (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A pesquisa iniciou-se com a análise de dados bibliográficos disponíveis, portanto, esta fase da presente pesquisa se denomina documental que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), vem a tratar da análise de dados preexistentes. Mas também foi realizada a pesquisa de campo, onde foi possível a observação direta com a aplicação de questionário, ambos os métodos são importantes instrumentos de análise, pois a observação direta, deixa o pesquisador mais próximo do objeto de estudo, podendo assim, compreender melhor a realidade e adicionar informações essenciais à análise. Os questionários funcionam como direcionamento para obtenção das informações que se busca de forma ordenada e ética sobre as variáveis que se deseja analisar (CORRÊA, 2013).

O trabalho em questão tem a intenção de vir a contribuir com os estudos à respeito da reforma agrária em Alagoas, mais precisamente na região do alto sertão, demonstrando como ocorreu e ocorre esse processo com o intuito de trazer novos estudos, referências e dados acerca desta problemática de luta por terra e território em assentamentos, contribuindo assim com trabalhos posteriores a este e enriquecendo o acervo sobre trabalhos com esta temática nessa região que ainda necessita ser ampliado.

O objeto de estudo trata-se do Assentamento Todos os Santos que foi criado em 2007, com uma área de 1.707,98 hectares e com um total de 106 famílias assentadas, localizado no município de Água Branca, no alto sertão do estado de Alagoas (Figura 1). Distante 8 km da sede municipal e 304,08 km da capital do estado. O município tem coordenadas geográficas de: latitude 09°15'39" sul e a uma longitude 37°56'10" oeste, estando a uma altitude de 570 metros. É o segundo ponto mais alto de Alagoas. O acesso ao assentamento se dá: saindo da sede municipal por estrada vicinal em direção ao povoado Boqueirão e chegando ao destino pela estrada do Chupete. A obtenção do imóvel foi via desapropriação por interesse social para fins de reforma agrária, em 2006, e, historicamente, faz parte da CPT (COSME, 2019).

Os problemas referentes a questão agrária estão relacionados, essencialmente, a propriedade da Terra, consequentemente há expulsão e exclusão são dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; a luta pela Terra, pela reforma agrária e pela resistência na Terra; A violência extrema contra os trabalhadores, a produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, as políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, a qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isso, A questão agrária compreende as dimensões econômica, social e política. Fernandes (2001, p.23).

Podemos afirmar que a estrutura fundiária no Brasil sempre foi caracterizada por uma grande concentração de terras, o que resultou em um adensamento de conflitos e lutas sociais por terra no espaço agrário. Segundo Gonçalves (2005) a apropriação desigual das terras é e sempre foi um dos fatores principais e responsável pela maioria dos conflitos sociais existentes no Brasil, onde a origem está na desigualdade de poder político, econômico e de prestígio na sociedade brasileira como um todo.

Toda essa problemática torna a questão agrária um dos principais entraves da formação social também no estado de Alagoas, além de ser a solução para o principal pressuposto como equacionamento dessa questão democrática (ALMEIDA, 2006).

A questão agrária envolve as lutas pela terra e território. Sobre território, Souza (1995) o define como um espaço definido e delimitado por relações de poder, este poder está no centro da disputa entre o agronegócio e agricultura camponesa/familiar, organizada principalmente pelos movimentos sociais. Quanto a esta disputa, em Alagoas temos uma hegemonia do domínio das terras pela monocultura canavieira que favorece aos grandes proprietários de terra (MOURA, 2013).

Não é segredo que Alagoas foi moldada, ao longo dos anos, por um processo que definia a forma da apropriação das terras dando um perfil econômico e social, porém, de acordo com Moura (2013), a concentração das terras canavieiras e a exclusão dos camponeses/famílias de agricultores, deixaram raízes profundas numa sociedade que se formou a ‘ferro e fogo’, o que contribuiu imensamente para a resistência e enfrentamento através dos movimentos sociais, o que não agradou aos grandes proprietários de terras/latifundiários.

Com a exclusão social e a expulsão dos pequenos agricultores das suas terras, logo os coronéis conseguiram aumentar suas terras e iniciou-se então o domínio social e político dos camponeses que se tornaram moradores de condição dos latifundiários. Esse fator também contribuiu muito para o grande número de migração do campo para a cidade. Foi também devido a essa repressão que os movimentos sociais do campo em Alagoas ocorreram de forma

retardada, bem como os movimentos de luta sindical, o que facilitou a consolidação da economia açucareira e a concentração das terras e do poder nas mãos dos grandes latifundiários (CARVALHO, 2009).

Em Alagoas entre meados dos anos 1980 e final de 1990, houve uma criminalização dos movimentos sociais agrários por setores do poder executivo, legislativo e judiciário, e ainda por segmentos da sociedade civil (FERNANDES, 2001). Entretanto, movimentos de luta pela terra conseguiram colocar e manter a reforma agrária na agenda política por meio de tenaz e heroica resistência e da propaganda de suas bandeiras no seio da sociedade civil e nas organizações de base.

Não podemos deixar de ressaltar a importância da CPT que, iniciou-se em junho de 1975, diferentemente da Pastoral Rural que sempre foi voltada apenas para os camponeses católicos, a CPT tem em sua gênese o caráter ecumênico que foi criada para atuar no conflito agrário em prol dos empobrecidos do campo e conta com a participação de agentes de outras igrejas cristãs e mantém uma relação de prioridade com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB (LIMA, 2013).

Ainda segundo Lima (2013) foi através da contribuição da CPT que surgiram os movimentos autônomos de luta dos camponeses pela terra como o MST, porém foi somente em 1987 que chegou em Alagoas, onde os primeiros trabalhos foram iniciados junto aos assalariados do corte de cana, uma vez que essa região se encontrava devastada pelo predomínio desta monocultura e pelas usinas. Atualmente, a CPT se encontra com uma boa organização com equipes responsáveis por acompanhar e cuidar da organização dos assentados, além disso a mesma se encontra hoje além da Zona da Mata, também no território de ações do Agreste, Sertão e Litoral.

1.2 A luta pela terra no Alto Sertão Alagoano

A migração dos sertanejos alagoanos do campo para a cidade, bem como para outros estados enfraqueceu os movimentos sociais do campo e os assalariados agrícolas, com isto houve uma interrupção no sistema econômico e político do Nordeste, fortalecendo o capitalismo de produção familiar (ALBUQUERQUE, 2013). O tipo de propriedade rural que predomina no alto sertão alagoano é de pequenos e médios produtores, com isto podemos dizer que a região do alto sertão tem a menor incidência de latifúndio no estado.

Pela maior predominância dos pequenos e médios produtores a diversidade de produtos agrícolas é bem maior que em outras regiões do estado. Contudo, economicamente o que predomina é a pecuária de corte e leiteira. Também é no alto sertão alagoano que se

encontra uma maior concentração de unidades camponesas, onde estas são usuárias de programas sociais do governo instituídos nas políticas sociais. Esse fator mostra que a maioria desta população de camponeses são de baixa renda e não conseguem sobreviver através da subsistência da família. Por esse motivo, ainda ocorre um certo fluxo migratório destes camponeses para outras cidades e regiões (MOURA, 2013).

No alto sertão alagoano, nos territórios tradicionais, a ocupação das terras ocorre de maneira comunal, ou seja, a terra é ocupada por uma comunidade que geralmente pertencem a uma mesma família ou têm laços muito próximos. Contudo, a produção é voltada a subsistência familiar e para dentro da comunidade, além da pequena comercialização, principalmente em feiras livres semanais (LUSA, 2013).

O motivo do avanço da agricultura e pecuária para o interior foi condicionado pelo espaço das áreas cultiváveis, pois nas demais regiões não se tinha mais espaço para a produção ou criação de animais, então se expandiu para o sertão, onde a cana-de-açúcar não era cultivável. O que ocorria era que o gado solto destruía as plantações. De acordo com Andrade (2011) o sertão alagoano serviu como uma boa proposta para criar o gado longe das plantações de cana. Além disso, outro fator que encheu os olhos dos donos de terras foi o vale do São Francisco, esse foi o grande canal aberto para que o gado chegasse ao sertão (CARVALHO, 2016). Esse foi um marco importante para iniciar o desenvolvimento da diversificação na produção dos bens agrícolas que eram produzidos no sertão, bem como o avanço das atividades voltadas a pecuária e a produção de algodão.

Destarte a política no sertão, assim como no Brasil, também é marcada pela presença de oligarquias políticas voltadas ao coronelismo que monopolizam a economia, as relações sociais e políticas na região, articuladas com o poder local e também nacional. Diante deste cenário temos os camponeses sertanejos, em particular o sertão alagoano, onde configura-se como um ambiente propício para a reprodução e manutenção de resquícios coloniais do coronelismo e assistencialismo (SILVA, 2017).

Na realidade há um monopólio da terra em Alagoas, o que traz uma forte concentração de terra/poder na região do Leste Alagoano através da monocultura canavieira, bem como no sertão alagoano com sua pecuária extensiva, uma vez que o monocultivo da cana-de-açúcar não é propício, todavia, o agreste alagoano tem uma distribuição mais equitativa da terra, embora esta se veja ameaçada pela expansão da cana de açúcar que vem avançando mais a cada dia (LINDOSO, 2005).

É possível analisar que nas últimas décadas a concentração de renda no meio rural, ligada a

agricultura vem aumentando, no entanto, quando observamos as microrregiões de Alagoas percebemos que é no Leste alagoano onde essa concentração aparece de forma intensa e decisiva, uma vez que essa é a região canavieira, o que compreende a problemática da menor incidência do latifúndio para a importância do minifúndio, bem como a participação da renda rural em outras regiões do estado (SILVA, 2013).

Segundo Oliveira (2014) tanto no agreste como no sertão alagoano, nos últimos anos o que tem crescido é a concentração de renda e capital ligada a crédito e comercialização em conjunto com uma estrutura fundiária baseada no minifúndio, ou seja, nas pequenas/médias propriedades, vale ressaltar que o crescimento geralmente está ligado ao tipo de produto e sua valorização no mercado externo.

Grande parte dos autores já comentaram em seus trabalhos a importância do par latifúndio/minifúndio e toda sua representação no Nordeste brasileiro, relatam como uma das expressões mais paradigmáticas da relação entre atraso e o moderno na estrutura agrária da região. No estado de Alagoas esse tipo de relação sempre existiu e está impregnado até hoje (CARVALHO, 2016).

2. A LUTA POR TERRA E TERRITÓRIO NO ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS

Inicialmente esse capítulo irá tratar do momento mais difícil do assentamento: a ocupação. Seguirá tratando da dinâmica de organização e estabelecimento do acampamento. Levantamos ainda, através do diálogo e entrevistas com envolvidos e assentados, os dados de todo o processo histórico que envolveu a conquista da terra pelas famílias: quando iniciou o movimento de luta pela terra, a ação da CPT que acompanhou toda luta, quantas famílias participaram da ocupação, a origem dessas famílias, quanto tempo elas ficaram acampadas, quais os conflitos que houveram até a posse do assentamento, e por fim quantas famílias foram assentadas.

2.1 A ocupação da Fazenda Chupete e a luta pela territorialização das famílias

Quando buscamos compreender o campesinato brasileiro, principalmente, no que tange aos assentados que se trata de uma fração composta na sua origem por sujeitos aos quais, sempre foi negado o direito à terra e à territorialidade, onde o sujeito não tem direito e nem oportunidade de desenvolvimento da sua própria organização social em todas as suas dimensões da vida individual e em comunidade (OLIVEIRA, 2001). A posse da terra é uma possibilidade muitas vezes rara, uma vez que para o campesinato possa ser protagonista da

sua própria criação, ou seja, para que os assentados possam viver livremente com acesso aos seus direitos, com autonomia e liberdade em meio às contradições da sociedade que o envolve, ainda se tem um longo caminho de lutas a percorrer (MARTINS, 1991; DELGADO, 2017). A trajetória de vida do camponês assentado no assentamento Todos os Santos/Chupete, localizado no município de Água Branca, vem a corroborar com essas afirmações.

De acordo com o trabalho realizado por Cosme (2019) quanto ao processo de ocupação da Fazenda Chupete, foi iniciado no mês de novembro do ano de 2004 (Figura 2) por famílias que nasceram em Alagoas e trabalhavam nas terras em fazendas no Sertão alagoano, a maioria na própria fazenda Chupete, que viviam no regime de meeiros, diaristas, moradores ou vaqueiros, estes já viviam nesse sistema até quatro anos antes do início da ocupação, ou seja, no ano 2000. Para melhor exemplificar as afirmativas acima, trazemos o relato de um professor e militante nos movimentos sociais desde 1990 que participou do início da luta no assentamento todos os santos:

(...) fizemos diversas reuniões no Sindicato dos Trabalhadores Rurais-STR com o apoio da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares-FETAG e Comissão Pastoral da Terra-CTP, reunimos muitas famílias que arrendavam a terra a décadas para plantar durante o inverno, formamos uma comissão e pedimos o apoio do Monsenhor Rosevaldo, combinamos então a ocupação na véspera do dia de todos os santos, convidamos outras lideranças para acompanhar a ocupação (professores, lideranças sindicais e outros, tudo com o objetivo de dar mais publicidade a ocupação, comunicamos imediatamente ao INCRA sobre a ocupação e convidamos os seus representantes para visitar o acampamento e comprovar o não uso da terra pelo proprietário, formamos grupos de vigília permanente para enfrentar as ameaças constantes do senhor proprietário (Tonhão). Organizamos um calendário com os representantes das famílias para vigiar e garantir a segurança dos acampados. Dormi vários meses nas barracas junto a outros companheiros que apoiavam o movimento.

Neste relato também fica clara a importância dos movimentos, pastorais e sindicatos como apoio efetivo na luta dos camponeses pela terra e pelo território, principalmente do campesinato sem terra que fez com que dezenas de famílias se mobilizassem levantando a bandeira da reforma agrária no município de Água Branca. A partir de então, os mesmos puderam construir sua existência social como a autonomia de trabalho em oposição a exploração já sofrida.

Figura 2 – Foto histórica do início da luta nos assentamentos Cobra e Todos os Santos.



Fonte: Assentada Maria José de Jesus (Maria Bobó)

Concordando com Paulino (2012) podemos dizer que sem dúvidas a conquista da terra da Fazenda Chupete é um exemplo de territorialização camponesa a partir de um movimento de muita resistência e até mesmo de rebeldia com o intuito de assegurar a sua condição social e cultural, ou seja, empoderamento quanto à ocupação, este começou muito antes, através de acontecimentos no trabalho de base e na vida de cada trabalhador que foram preparados para o enfrentamento com o latifundiário.

A seguir apresenta-se relatos de assentados a respeito da ocasião da ocupação da fazenda chupete, colhidos durante aplicação de entrevista, que buscam demonstrar de forma clara e concisa, esse momento histórico para o assentamento:

(...) Quando nós entramos lá no acampamento passou aquele Montede gente lá no povoado Boqueirão chamando a gente pra ir, tinha gente dos outros acampamentos do tabuleiro da cobra e organizaram o povo lá no povoado Boqueirão e foi aquele rebanho de gente cantando até a entrada da fazenda. Aí chegando lá nós fizemos logo os barracos de lona, acendemos uma fogueira e passamos a noite de vigília¹.

(...) No início entrou umas 80 pessoas aqui, quando foi no outro dia começou a encostar mais e aumentou o fluxo de gente, aí foi de reunião em reunião, até quando foi ficando quem era para ficar né... e aí uns foram embora e outros ficaram até hoje².

(...) Foi num dia de Todos os Santos... foi um dia de terça-feira... eles entraram segunda de noite quando foi no outro dia me chamaram e eu disse: vamos! aí entrei e fiquei lá do lado... era na entrada da fazenda perto do pé

¹ Entrevista realizada no dia 21 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

² Entrevista realizada no dia 22 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

de mulungu, encostado à casa de Zezinho, foi no mês de novembro estou lembrado, primeiro de novembro de 2004³.

Nesse início acima relatado, percebe-se um pouco da dinâmica da ação da ocupação. Um contingente considerável de trabalhadores organizados e motivados foram capazes de fazer algo nunca antes pensado por eles mesmos; ocupar a propriedade do supostamente “poderoso e inatingível” fazendeiro/latifundiário. Sobre esse momento Caldart (2004, p. 13, apud Figueiredo, 2014, p. 563),

“Os acampamentos podem ser construídos na área que se pretende transformar em assentamento, ou à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas, etc... Cada um deles demanda estratégias de sobrevivência diferentes, mas todos visam explicitar a luta, pressionar governos e mobilizar a opinião pública sobre a questão da terra”.

A partir dos relatos acima, infere-se também que o trabalho de base foi bem feito e se materializou na ocupação bem sucedida. Para esse êxito acontecer de acordo com as entrevistas; a CPT que já tinha suas bases estabelecidas no acampamento Cobra, começou a juntar um agrupamento de trabalhadores bem maior do que comportaria a fazenda Cobra em um futuro assentamento, com o objetivo de fazer a ocupação da fazenda Chupete.

Quando chegou próximo do dia da ocupação, chegaram mais trabalhadores que foram chamados para se juntar ao acampamento com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e outras lideranças. Foram chamados primeiramente os rendeiros e meeiros que sempre trabalharam nas terras da fazenda Chupete e que, portanto, na compreensão das lideranças, mereciam estar informados e convidados a participar da ocupação.

Sobre esses trabalhadores que durante muito tempo fizeram os fazendeiros enriquecer, a partir de relações de trabalho arcaicas e que só tinham a explorar os que precisavam se submeter a essa condição; Cosme (2019, p. 451) nos fala que:

Conforme os relatos, são famílias que, na maioria absoluta dos casos, nasceram no próprio estado de Alagoas, trabalhavam de rendeiros nas fazendas do Sertão alagoano, inclusive boa parte trabalhando, pagando renda na própria fazenda Chupete, que viria a se tornar assentamento, conjugado, em determinadas situações, com o trabalho de meeiros, diaristas, moradores de condição e vaqueiros, até o início dos anos 2000.

Um assentado que veio do povoado malhada das pedras esclarece em entrevista:

Muitos rendeiros lá dessas serras não vieram, com medo da “bala” (...) eles mesmos me falaram que ainda vieram no acampamento, mas depois que o dono da fazenda esteve aí e disse: mais rapaz, mais você, é meu amigo e invadir minhas terras? - aí o rendeiro constrangido disse: - olhe eu vim por causa dos meus amigos, mas a partir de hoje eu não venhomais. Aí saiu... teve

³ Entrevista realizada no dia 12 janeiro de 2022 no município de Água Branca.

um bocado de caba aqui que era rendeiro e não veio⁴.

Percebe-se no relato que além das ameaças, existiu a coação através do apelo ao constrangimento dos rendeiros por parte do fazendeiro, mas também pode-se notar em outros relatos que existia um grupo de pessoas ligadas ao fazendeiro; gerentes, amigos que usufruíam da fazenda ou mesmo proprietários de terras vizinhas que tomavam para si as dores do fazendeiro, e faziam o papel de intimidar os trabalhadores acampados, através de ameaças veladas e até explícitas. Numa dessas e talvez a mais perigosa, um desses amigos do fazendeiro sacou uma arma e ameaçou atirar em um acampado, além de construir uma narrativa nos bares onde passava e em outros lugares de que quem estava na “invasão” eram “ladrões de terras”.

Com o passar do tempo e depois que as coisas “esfriaram mais” alguns rendeiros que tinham medo de entrar para o acampamento voltaram, e então ocorreu o acolhimento dos mesmos pelas lideranças com o entendimento que estes foram afastados pelo contexto que os envolviam.

Levando essa problemática de tensão através de ameaças, é preciso evidenciar que a formação do acampamento exigia o preparo de lideranças que esse viessem a construir uma base de conscientização nos trabalhadores e dessa forma fazer com que estes se contrapusesse ao discurso contrário à reforma agrária, e uma liderança importante foi o senhor Valter, um agente da CPT que aparece em todos os relatos dos assentados como alguém que foi capaz de transmitir confiança na palavra, sabedoria no direcionamento das ações e que por essas qualidades conquistou o respeito de todos. Na fala de um assentado que veio de outra ocupação em Delmiro Gouveia - AL, percebe-se a importância dessa liderança:

“Com Valter tinha ordem! o que ele falava era respeitado, ele tinha um jeito de falar sério com você que não te deixava ofendido”. Um outro assentado diz: (...) “foi uma liderança que ficou aqui, mas só no começo, depois saiu né, eu acho que o assentamento perdeu muito com isso né... perdeu porque faltou uma liderança para continuar as coisas... as construções das casas, deixar tudo organizado”.

A liderança desse militante de acordo com relatos colhidos em entrevistas com os(as) assentados(as) foi responsável pela formação e consolidação do acampamento. Sua passagem, no entanto, apesar de tão importante, não durou o tempo que os assentados queriam, o fato é que por motivos até hoje não explicados, ele foi afastado do movimento e, o sentimento entre os

⁴ Entrevista realizada no dia 12 de janeiro de 2022 no município de Água Branca

assentados é que pode ter ocorrido disputas internas ou problemas de ordem desconhecida na CPT. Sobre essa problemática, Figueiredo (2014, p.570) esclarece que:

O que não se pode esquecer é que ambos (assentamento e movimento social) são espaços em disputa e, como todo espaço social, sujeitos a contradições. Romantizar o assentamento e mascarar as contradições que são inevitáveis, ou mesmo reportar tais contradições aos indivíduos (sejam eles os assentados, a liderança, ou mesmo os técnicos estatais), somente contribui para que essa relação com o todo social, da qual ainda não se pode escapar, seja velada e mistificada, contribuindo com a reificação e alienação do indivíduo, e com a dissolução da força contestadora do movimento social.

Esse evento de rearranjo das lideranças aconteceu e a CPT seguiu organizando mobilizações e todo o processo de luta continuou, mas o que é consenso nos relatos do(as) assentado(as) é que: com a saída Valter o assentamento perdeu em organização, e consequentemente ocorreram menos conquistas do que se teria possibilidade com o povo melhor organizado. Isto a partir do domínio que ele tinha da atividade de organizar os trabalhadores.

A respeito de organização de lideranças, um acampamento de trabalhadores sem terra exige firmeza na condução e estratégia para superar os desafios impostos no dia a dia do acampamento. Com essa perspectiva e de acordo com as entrevistas realizadas, a dinâmica de organização dos acampados se deu da seguinte forma: foram organizados em grupos, com um coordenador e um vice-coordenador para cada grupo tendo como coordenador geral o senhor Valter.

Foi estabelecido então uma escala de permanência no acampamento. Para isso levou-se em consideração que a maioria dos acampados vinham de povoados próximos ou das outras regiões de Água Branca como da cidade ou da Serra do Estreito e adjacências. E dessas, poucas famílias, se mudaram totalmente para o local da ocupação, portanto, a grande maioria ficou indo e vindo das suas casas para o acampamento. Sabendo disso, definiu-se então uma escala de permanência em que os acampados deveriam cumprir por semana: 3 dias e 2 noites de presença. Sobre isso um assentado que veio da cidade de Água Branca - AL nos fala:

(...) a pessoa tinha que ir, se eu não me engano, era 3 vezes por semana, era 3 dias e 2 noites, era assim: você entrava segunda-feira e passava segunda, terça e quarta, aí dava 3 dias e 2 noites (...). Era dificuldade que o caba (a pessoa) tinha que queimar lata (cozinhar), tinha a divisão do pessoal em grupos e os coordenadores do grupo pegando no pé e querendo pegar você em flagrante para despejar você de porteira fora (...) não foi muito fácil também não (...) aí a minha intenção aqui era vencer e eu venci!⁵

⁵ Entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

As escalas de permanência apesar de compreensível a necessidade de existir, ocasionou a desistência de alguns acampados que não conseguiram suportar tal adversidade, sabendo que o acampamento era um lugar onde as necessidades básicas não eram atendidas, pois era necessário ficar sem água, sem energia elétrica, dormindo em redes e sendo alvo de mosquitos que de acordo com relatos, naquele período chuvoso eram insuportáveis.

Nesse momento é importante pontuar que o contexto de um acampamento de sem-terra é extremamente desafiador mesmo para quem já não tinha conforto onde morava. Alguns acampados atingiram uma determinada quantidade de faltas e foram desligados do acampamento. Momento esse considerado difícil e controverso de acordo com os entrevistados, pois, apesar de existir as regras, nem sempre se sabe se elas estão sendo aplicadas para todos igualmente, além de ser uma atitude constrangedora desligar alguém de uma luta que o mesmo participou também. Esse momento de desligamento de acampados ocorreu com a atuação da liderança que substituiu o senhor Valter.

Antes desse evento acontecer, ocorreu um processo importante de apropriação do território ocupado, onde os acampados começaram a escolher os “pedaços de terra” para plantar, ação muito incentivada pelo agente da CPT, o senhor Valter, além de atender ao desejo dos trabalhadores de ter onde plantar uma roça de inverno naquele ano de 2005, também tinha o papel de mostrar para a sociedade que os acampados realmente queriam terra para trabalhar e produzir garantindo seu sustento. Sobre esse processo um assentado nos fala:

(...) ficamos produzindo num pedaço de terra sem definir que já era seu. O problema é que ali você não podia nem implantar umas fruteiras uma palma (culturas perenes) porque poderia ficar para ser de outra pessoa, não é?! Aí por isso era só plantar roça de inverno, aí no caso, isso atrasou um pouco a produção do povo⁶.

Apesar do que relata o assentado essa ação proporcionou uma produção animadora e ainda se criou também uma roça coletiva, onde todos ajudavam e no final a renda da produção serviria para as despesas do acampamento.

Nesse período também, o assentado conhecido como Zé Preto, relata em entrevista, que havia uma preocupação na preservação do meio ambiente e especialmente a fauna existente na barragem do gato (Figura 3), uma barragem construída na época do fazendeiro e que durante a ocupação abrigava uma quantidade muito grande de água e pastos silvestres. Esse

⁶ Entrevista realizada no dia 21 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

mesmo assentado assumiu o papel durante 4 anos de guardião desse ambiente para proteger de possíveis caçadores que viessem a oferecer risco a aquela fauna exuberante. Zé Preto explica que durante as reuniões, esse tema da preservação era bem alertado para que os acampados não fizessem coisa errada.

Figura 3 – Barragem do gato.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Essa condução do processo de territorialização do assentamento, na época acampamento, aconteceu de forma racional, foi importante e sem dúvidas contribuiu para dar credibilidade ao movimento de luta pela terra, desenvolvido pela CPT.

Para isso, além de ter sido trabalhado a parte da conscientização dos trabalhadores/assentados, a CPT também tinha atividades externas ao acampamento que foram importantes para a construção de uma identidade de luta camponesa entre os acampados: foram feitas diversas mobilizações na sede do INCRA em Maceió - AL, onde se reivindicaram pautas pertencentes ao acampamento Todos os Santos e também pautas mais generalizadas sobre a luta pela reforma agrária em Alagoas e no Brasil.

Essas mobilizações vieram a servir também como um teste para os acampados, uma vez que somente se dispunha a participar os que tinham coragem de ir e o comprometimento com a luta, enfrentando assim, os desafios. Isso porque devido as condições de deslocamento que, acontecia na carroceria de um caminhão indo do sertão até a capital, depois dormir de baixo de

lona nas praças em frente ao INCRA e ao palácio do governo do estado e ainda passar por momentos de tensão com a polícia, somente continuava na luta pela terra os que realmente tinha força de vontade e disposição.

Outra atividade que dentro do contexto de envolvimento dos trabalhadores/assentados na luta histórica da CPT, essa pastoral organizou e organiza até hoje romarias que segundo Caldat (2012, p. 26) “Alguns exemplos utilizados na mística do movimento são a caminhada do povo hebreu rumo à Terra Prometida, na luta contra a escravidão no Egito”.

Esses eventos que seguem uma mística religiosa e que tem uma capacidade de tornar o tema da luta pela terra, em algo claro e capaz de engajar os trabalhadores na medida em que utilizam as narrativas bíblicas, que são coerentes com a luta camponesa.

Existia ainda eventos de formação como encontros de militantes e assembleias estaduais da CPT, esses momentos de debates e estudo tinham o objetivo de fazer uma formação de militância e conscientização da causa da luta pela terra para os trabalhadores/assentados que participavam.

Outra ação profícua eram as feiras camponesas realizadas em Maceió-AL e que hoje acontecem mensalmente, na época do início do acampamento Todos os Santos muitos acampados se envolveram e possibilitavam a venda da produção que se iniciava no acampamento, com isso gerava uma renda que animava os demais assentados, além disso também fazia parte do trabalho da CPT apresentar para a sociedade que a luta pela terra não era em vão e que a produção orgânica ofertada naquele momento era o resultado da territorialização camponesa no sertão e em outras regiões. E, portanto, um bem valioso para a sustentabilidade ambiental e social.

Com essas ações e processos percorridos os trabalhadores/assentados, ainda passariam por mais um momento de incerteza. Trata-se de um momento de tensão com um grupo do MST que ocuparam a parte da propriedade que fica dentro do município do Inhapi – AL, alegando que a fazenda envolvida na disputa tinha dois documentos, versão que seria refutada e que através de negociação entre os dois movimentos, CPT e MST, foi resolvida permanecendo os acampados da CPT no imóvel.

Após toda essa resistência a obtenção do imóvel aconteceu via desapropriação por interesse social para fins de reforma agrária, em 2006, e o PA (projeto de assentamento) Todos os Santos/Chupete, foi criado em 2007, com uma área de 1.707,98 ha e 106 famílias assentadas.

2.2 Conquistou-se a terra e agora? Desafios para geração de renda

Tendo como base a perspectiva encontrada em Coelho (2018), onde a recriação camponesa é vista como um modo de vida heterogêneo e complexo que existe dentro da contradição do modo de produção capitalista e se perpetua por meio da compra e da luta pela terra na sua resistência ao capital, será detalhado á seguir o início da territorialização como assentamento com o propósito da produção camponesa.

Questionado sobre o assentamento conquistado se teve algum incentivo do INCRA para o início das atividades produtivas, um assentado que veio do povoado barro preto responde:

“2400 reais foi o apoio inicial, logo em seguida da posse e depois disso parou! aí o pessoal ficou sem ter como investir na Terra; quem não tinha condição de cercar a própria Terra ainda hoje está solta”⁷.

A falta de estrutura e apoio governamental dificultou o início das atividades produtivas no recém criado assentamento sem ter os lotes demarcados e só contando com a tradição camponesa de plantar, ainda assim iniciou-se a plantação.

E o que plantavam nesse início? A resposta uma assentada nos dá: “Feijão e milho! que é o que toda vida nós planta aqui nesse lugar” (Figura 4). Essa assentada relata ainda que, nos primeiros anos de assentamento choveu bem, foram invernos bons entre 2005 e 2010, com isso houveram boas safras para a realidade da região e tiveram assentados que chegaram à colher até 100 sacas de feijão e milho, o que fez os assentados(as) seguirem animados(as) apesar de que é importante reconhecer que, nem todos tinha essa capacidade material e de estrutura de força de trabalho familiar para ter tal produção além de que em geral foram tempos de baixa valorização dos produtos: feijão e milho. Conclui-se que a vida dos(as) trabalhadores(as) nunca foi fácil principalmente nessa fase inicial.

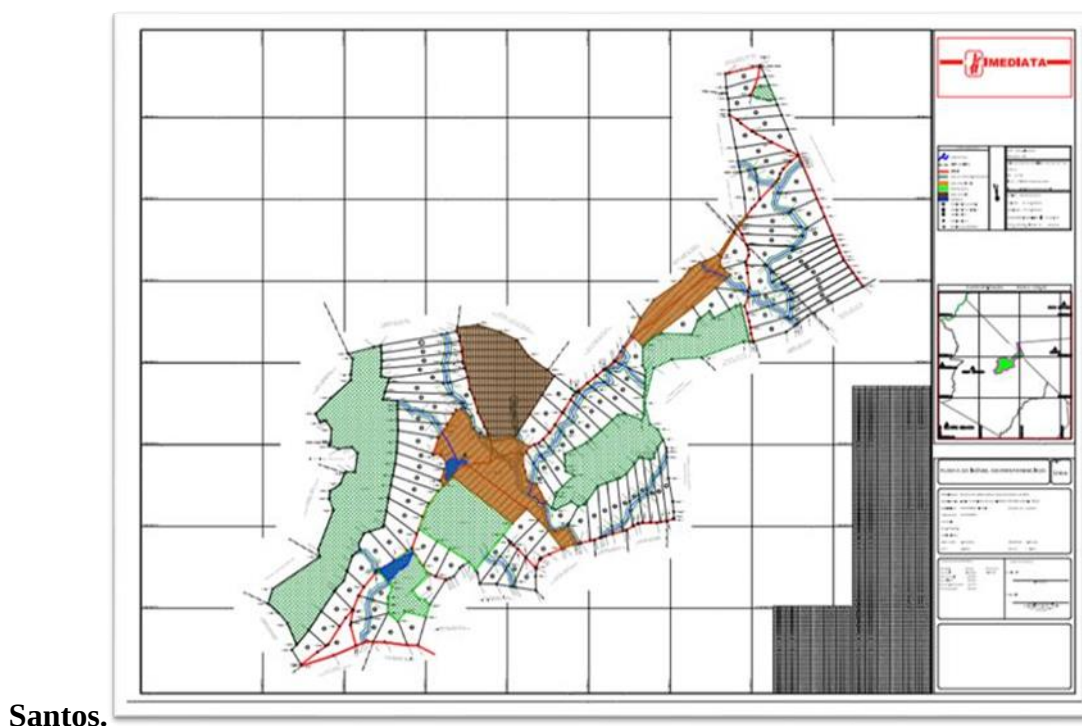
⁷ Entrevista realizada no dia 02 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

Figura 4 – Roça de feijão e milho no assentamento todos os santos.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

No ano de 2009 o INCRA realizou uma etapa essencial para o assentamento o georreferenciamento do imóvel e a divisão de lotes. O assentamento conta com uma reserva ambiental, 106 lotes (um por família) e duas agrovilas com moradias que possuem quintais produtivos com três tarefas cada um, para as famílias assentadas. Além de uma área de reserva legal, área de preservação permanente, área comunitária, área coletiva que são na verdade 2 áreas que são mais férteis e que, portanto, achou-se por bem dividir em pequenas parcelas de três tarefas para cada assentado. Existe também barragens, poço artesiano, entre outros bens de uso comunitário. A Figura 5 e a Tabela 1 demonstram essa divisão:

Figura 5. Mapa do georreferenciamento assentamento Todos os

Santos.

Fonte: Associação comunitária

Tabela 1. Áreas e Perímetro.

Descrição:	Área (ha)	Perímetro (m ²)
Área geral:	1.629,2693	27.202,68
Reserva legal:	440,3887	
Área coletiva:	99,9072	
Área de Preservação Permanente:	95,9112	
Área comunitária	148,2793	

Fonte: Associação comunitária

Com essa etapa realizada, melhorou a organização e também propiciou aos(as) assentados(as) que tinham um pouco de condições financeiras, de posse da sua parcela de terra, criar seus pequenos rebanhos. Apesar de grande parte dos assentados trabalharem apenas com roças e não com criação de gados devido à falta de recursos para desenvolver essa atividade, o ganho com a divisão de lotes foi de todos.

Em 2009 foi incentivada no assentamento a atividade produtiva da apicultura (Figura 6), esta ocorreu através da doação de materiais necessários para a atividade e assistência técnica pelo instituto XINGÓ, primeiramente para 15 famílias, porém por alguns motivos que incluí a falta de experiência e habilidade em lidar com uma nova cultura, foi

ocorrendo a desistência de alguns assentados e atualmente apenas quatro das 15 famílias continuam trabalhando com apicultura no assentamento e destas apenas uma vem conseguindo obter uma renda satisfatória fruto dessa atividade.

Figura – 6 Apiário no assentamento todos os santos



Fonte: Assentado André gomes

Com o passar do tempo a estruturação das parcelas o seu desenvolvimento produtivo aconteceu de acordo com as condições de força de trabalho e financeira de cada assentado, sobre o que se produz no assentamento atualmente, o agrônomo Jeferson que acompanha o assentamento explica que existe uma produção variada apesar de individualizada para algumas culturas com plantações pontuais de poucos assentados. Ele detalha:

“Três culturas são o carro chefe dos produtores do assentamento (Feijão, milho e mandioca). Entretanto, são cultivados também, abobora, batata-doce, tomate-cereja, limão, caju, laranja, coentro, coco, melancia, banana, couve-folha, pimentão, tomate, mamão, pinha, palma”⁸.

⁸ Entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2022 no município de Água Branca.

Perguntado se comercializa algum produto e se tem alguma renda da produção, responde:

“Alguns produtos são comercializados, são eles: coentro, tomate-cereja, batata-doce, mandioca, abobora e banana. Feijão e milho são comercializados mais em menor escala, grande parte é estocado para alimentação própria e para o plantio de inverno no próximo ano. As famílias conseguem renda com a agricultura, renda essa que pode ser melhorada”⁹.

Sobre como é o processo de produção nos fala:

“Em sua maioria, a agricultura de subsistência, ou seja, é aquela dos pequenos produtores voltados para a sua própria sobrevivência, seja por meio do consumo direto do que é produzido naquela propriedade ou pela troca de excedentes da produção por outros produtos não produzidos naquela terra. E também realizado sob regime de sequeiro, essa modalidade utiliza o período das chuvas para o cultivo. Essa prática agrícola visa atingir eficiência em terras áridas através da escolha de espécies de cultivo, que não necessitem de irrigação constante, podendo suportar os períodos de estiagem entre uma chuva e outra”¹⁰.

Esse agrônomo explica ainda que a agricultura é orgânica, ou seja, não utiliza agrotóxico. Mas é dispendiosa e demorada e é menor a produção, se comparada a agricultura convencional que utiliza agrotóxicos e fertilizantes químicos. Entretanto, os produtos dessa agricultura orgânica, tem um maior valor de mercado quando comparado com os produtos da agricultura convencional, Além de serem ecologicamente corretos e fazerem jus a agricultura camponesa. Sobre esse tema os relatos dos assentados são unânimes ao rejeitarem agrotóxicos nas suas roças, evidencia-se, portanto, que se criou uma consciência a esse respeito muito provavelmente devido ao trabalho de orientação e formação da CPT.

Em relação aos projetos de financiamento da produção é possível notar um certo receio de endividamento por parte dos assentados como podemos notar na fala de uma assentada que morava no povoado barro preto:

(...)o projeto que veio para mim só foi aquele R\$ 2.400 do apoio inicial né, e o fomento mulher que veio 5 mil né. Então o fomento que está para vir, se vier, eu quero, mas o Pronaf não por enquanto, eu não tenho ideia ainda sabe?! não sei... no decorrer do tempo pode ser que surja outra coisa para a pessoa investir. Por enquanto eu vou arrumando as minhas coisas

⁹ Entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2022 no município de Água Branca.

¹⁰ Entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2022 no município de Água Branca.

com esforço, sem dever...¹¹

Perguntado sobre o potencial produtivo e entraves para se ter uma boa produção no assentamento e qual seria na opinião dele, o caminho para se ter uma produção que atenda os objetivos dos assentados de alimentos de subsistência e renda. O agrônomo Jeferson, que atua no assentamento, explica:

“Os produtores possuem um grande potencial produtivo, todavia, não fazem uso de todo esse potencial, devido a uma força cultural e pouco conhecimento sobre associativismo e cooperativismo. Além desses, a escassez de água e a questão financeira fala mais alto, limitando ainda mais os passos dos produtores”¹².

Desse modo, evidencia-se que falta ao assentamento uma produção mais proveitosa para a subsistência e renda para isso, um importante fator é uma boa condução da política de créditos, assistência técnica e comercialização.

2.3 A formação de um território e o acesso a serviços essenciais

Em relação ao processo de territorialização camponesa, a chamada contrarreforma agrária é um entrave no Brasil e no assentamento Todos os Santos como não poderia ser diferente, sofre também. De acordo com Cosme (2019) fica evidente o contexto contraditório da recriação do campesinato assentado. Nota-se um processo de contrarreforma agrária, e o campesinato não tem outro caminho senão lutar e resistir em seu dia a dia pela terra conquistada. Nessa esteira a assistência técnica vem a corroborar com essa ideia, em 2012 o INCRA contratou empresas e organizações sociais para prestar assistência técnica e a CPT foi uma delas, fazendo esse trabalho no assentamento Todos os Santos. O problema é que o contrato acabou em 2016 e de lá para cá não teve mais assistência técnica do INCRA, evidenciando o que uma agrônoma da CPT, entrevistada afirma que “o INCRA acabou”.

Atualmente, a partir de 2021 existe no assentamento assistência técnica e gerencial (ATeG), disponibilizado pelo serviço de aprendizagem rural (SENAR), no Projeto Agronordeste, subsidiado pelo serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas (SEBRAE), graças a estes projetos e assistência técnica tem-se a horta coletiva e há colheita de feijão como vemos nas Figuras 7 e 8. O problema é que esse serviço é ofertado para apenas 20 assentados devido a metodologia adotada. Se observa também que é uma assistência que

¹¹ Entrevista realizada no dia 05 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

¹² Entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2022 no município de Água Branca.

carece de estrutura material e foco na contextualização da realidade de produção do assentamento, esse processo se aplica também, em maior ou menor grau, a assistência anteriormente ofertada pelo INCRA.

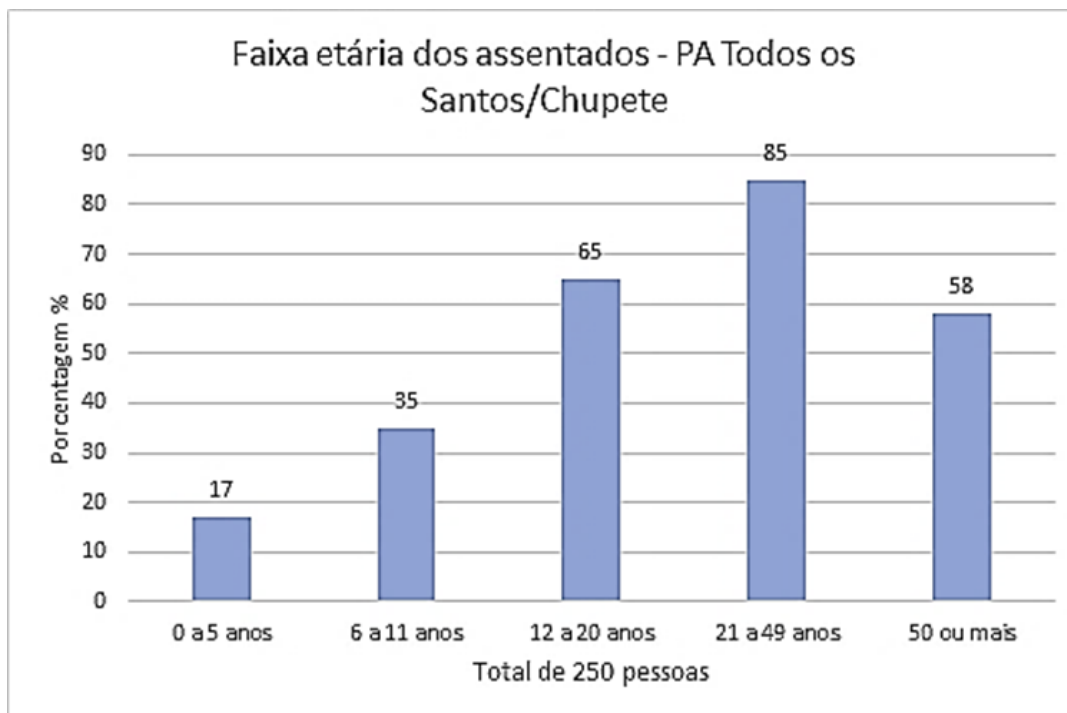
Figuras 7 e 8 – Horta coletiva e colheita de feijão com assistência técnica do SENAR.



Fotos: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Em relação ao acesso a saúde, entrevistou-se a senhora Cristiane, agente de saúde responsável pela área do assentamento e a mesma nos apresentou dados que segundo ela são aproximados da realidade atual do assentamento, devido ao fato de existir um fluxo de pessoas que passam a morar no assentamento e outras que viajam. Com isso ela nos revelou que existem cerca de 70 famílias morando no assentamento, mas que oficialmente existe um total de 106 famílias cadastradas, totalizando uma média de 250 pessoas, e ainda nos forneceu dados sobre a faixa etária destes que se encontra organizada no Gráfico 1:

Gráfico 1- Faixa etária dos assentados Assentamento Todos os Santos-2022.



Fonte: Autor, 2022.

Sobre a saúde os assentados utilizam o posto de saúde mais próximo que é o da comunidade Boqueirão. A maior dificuldade é a distância. Existe visitas do programa saúde da família, porém o que os assentados reclamam é da falta de exames e consultas por especialidade médica além da construção de um posto de saúde no assentamento. Na questão da educação ainda não existe escola no assentamento e os estudantes desde as séries iniciais precisam se deslocar de caminhonete D-20 até a comunidade de Boqueirão ou até a cidade de Água Branca-AL.

3. ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS: CONQUISTAS, RESISTÊNCIAS E SONHOS

Inicialmente nesse tópico é apresentado no Quadro 1 os principais processos históricos da construção do assentamento Todos os Santos:

Quadro 1 – Assentamento Todos os Santos/Chupete – Processos históricos marcantes na construção da comunidade.

Data/Ano	Processos/conquistas:
2004	- Acampamento na entrada da fazenda Todos os Santos/Chupete com cerca de 150 famílias. - Reintegração de posse em prol do fazendeiro.

2005	- Ocupação/Acampamento na sede da fazenda Todos os Santos/Chupete;
2006	- Tensão entre o campesinato mobilizado pela CPT e o campesinato mobilizado pelo MST; - Ameaças efetivadas pelo gerente da fazenda.
2007	- O INCRA obtém o imóvel rural pela via da desapropriação para fins de reforma agrária. - O assentamento Todos os Santos/Chupete é oficialmente criado, com capacidade para 121 famílias em uma área total de 1.707,9ha, sendo assentadas 106 famílias.
2009	- INCRA libera o crédito fomento no valor de R\$ 2,4 mil para cada família.
2010	- Tem início a construção das moradias com recursos do INCRA.
2011	- A comunidade conquista a instalação da energia elétrica.
2013	- Uma turma de Educação de Jovens e Adultos é formada na comunidade; - Conquista das cisternas de placa para parte das famílias.
2015	- Parte do recurso para a construção final das moradias é recolhido pelo INCRA; - O recurso diminui e as moradias restantes não podem ser construídas no mesmo tamanho das primeiras; - Finalização da turma do EJA.
2018	- Algumas moradias ainda estão sendo construídas e outras estão com obras paralisadas; - A comunidade conquista um trator com implementos e catorze cisternas calçadão; - O projeto de banco de sementes crioulas é ativado.
2019	- O assentamento conquista uma casa de farinha; - São liberados os primeiros créditos (fomento mulher).
2020	- Alguns assentados fazem os primeiros projetos de créditos do assentamento (PRONAF A).
2021	- O assentamento é escolhido pela EMATER-AL para ser contemplado com projetos do SENAR/SEBRAE. E são selecionados 20 assentados para serem atendidos. - O primeiro projeto é a assistência técnica e gerencial (ATeG) disponibilizado pelo SENAR no âmbito do projeto AGRONORDESTE. - São construídas 2 barragens subterrâneas pelo SENAR/SEBRAE. - É realizado um curso do SENAR: negócio certo rural (NCR). - Chega água encanada no assentamento através de adutora do canal do sertão. - É retomada a construção das últimas moradias do assentamento.

Org. Autor, 2022 (Adaptado: COSME, 2019)

Olhando para esses fatos históricos faz-se necessário o diálogo com os assentados no sentido de compreender o que representou cada acontecimento e cada conquista dessas para eles; a vida delas melhorou? Piorou? Quais os melhores momentos no assentamento? Quais

os momentos mais difíceis da luta e permanência na terra? Quais os sonhos? O que o assentamento significa para elas? E destacar a fala das famílias sobre o assentamento no sentido de perceber se ele se apresenta como território para elas.

Nesse diálogo, um assentado (Figura 9) que veio do povoado Malhada das Pedras que diz já ter morado em vários lugares e, é taxativo ao afirmar: “aqui é o lugar que eu mais presei em morar, daqui eu só me mudo para o cemitério!” É interessante que essa expressão é recorrente nos relatos dos assentados entrevistados, o que mostra traços de uma cultura local marcante. Esse mesmo assentado nos revela seus 64 anos e afirma que o objetivo agora é ter uma vida mais tranquila na parcela de terra que conquistou, apesar disso explica várias melhorias que ainda deseja fazer no lote¹³.

Figura 9 - Assentado em sua roça.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Vale ressaltar que desde a ocupação da fazenda até os dias atuais já fazem 17 anos e, portanto, muitos assentados hoje encontram-se em idades que o trabalho diminui e a sucessão familiar acontece, de maneira que na realidade atual é diferente de tempos anteriores; no exemplo desse assentado citado acima: ele tem quatro filhos e todos foram morar e trabalhar

¹³ Entrevista realizada no dia 02 de dezembro de 2021 no município de Água Branca.

na cidade, essa não é a única realidade do assentamento, mas a partir da pesquisa observou-se que é a mais recorrente.

Apesar dessas problemáticas o campesinato assentado segue se modificando e se recriando; a internet é uma realidade que abarca toda a sociedade cada vez mais, chegou no assentamento por volta do ano de 2019, via rádio, e apesar das limitações financeiras de boa parte dos assentados, hoje está presente em muitas residências, mas a inclusão digital ainda é uma necessidade no assentamento.

Sobre os aspectos culturais e de lazer no assentamento: Cada agrovila tem um bar onde são os pontos de encontro, confraternização e interação, existem dois campinhos de futebol na agrovila 1 e um na agrovila 2, às mulheres são predominantes nas atividades que envolvem a religião como grupos de oração. Nas festividades ocasionais; o forró e seguido pelas demais músicas da atualidade embalam a juventude e os festeiros em geral.

A respeito do tema meio ambiente no acampamento houveram ao longo desses anos, abusos nas áreas de reserva com extração de madeira e venda de estacas. O IMA (Instituto do Meio Ambiente de Alagoas) órgão estadual fez uma ação no assentamento com o objetivo de coibir o desmatamento; ocorreram reuniões com os assentados alertando para possíveis punições para os infratores.

Outros processos de territorialização importantes no assentamento foram: as construções das moradias, a chegada da energia elétrica e da água encanada. A respeito das construções das moradias esse foi um processo um pouco conturbado, pois no início no ano de 2010 a verba para a construção era de 15 mil reais e o INCRA deixava a critério da Associação junto com a CPT a escolha do modo de gestão para construção, se seria contratada uma empresa ou se os assentados iriam construir por conta própria com o apoio da CPT.

A escolha por sua vez foi em construir por conta própria, levando em consideração exemplos de outros lugares em que as empresas construíram casas muito pequenas com o recurso disponibilizado. Então deu-se início as construções e se conseguiu fazer casas com um tamanho muito bom em relação a verba reduzida, os problemas começaram a aparecer com a gestão da construção que na verdade ficou sendo tocadas por uma liderança da CPT no assentamento, para exemplificar faltava material em uma casa, enquanto em outras o material era gasto em excesso, esse foi apenas um dos vários problemas que ocorreram, isto de acordo com relatos dos assentados. Para completar, a morosidade e burocracia do INCRA fazia a obra atrasar e isso causava confusão entre os assentados que precisavam das moradias com

urgência.

Em resumo as construções que iniciaram em 2010 se estendem até a os dias atuais, o que vem causando outro problema, pois as moradias que estão sendo construídas atualmente precisam ser menores por conta do aumento no preço dos materiais de construção civil. Atualmente os recursos recebidos são no valor de 34 mil reais, provenientes não mais do INCRA, mas sim do programa Minha Casa Minha Vida do governo federal, devendo ser executado por uma empresa construtora contratada para o serviço (Figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11 – Moradia construída na primeira etapa das construções e outra que está sendo construída nessa última etapa.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Outros processos importantes foram: a chegada da energia elétrica que aconteceu em 2011 e da água encanada em setembro de 2021. Em relação a esta última, a mesma provocou momentos de calamidade, enfrentados pelos assentados, principalmente entre os anos de 2011

a 2016, onde ocorreu um período de grande seca no Nordeste, que só seria amenizada com as chuvas no bom ano de 2017, mas que em 2018 voltou a castigar. A extrema falta d'água nesse período, deixou o assentamento a mercê da dependência de carros pipas limitados, esse período é sentido e relatado pelos assentados entrevistados, como o momento de maior dificuldade e da prova da resistência camponesa desde que iniciou-se o assentamento. Por fim, em 2021 chegou a água encanada, porém até a realização desta pesquisa o assentamento sofre com problemas com da rede adutora, onde só está chegando água apenas na agrovila 1 (Chupete), deixando a agrovila 2 (Três voltas) na espera angustiante de serem atendidos.

Por fim os relatos dos assentados e das lideranças do assentamento à respeito da Associação de moradores são de que: as ações são muitas vezes mal organizadas e que ao longo dos anos existe um distanciamento da coletividade no assentament, principalmente quando se fala em trabalho coletivo multirões e reuniões ordinárias. Essa realidade, acreditamos ter relação com pelo menos um fator, que é baixa escolaridade entre os assentados o que dificulta a dinamização das atividades necessárias ao assentamento. Apesar disso, percebe-se nos assentados a satisfação em conquistar sua moradia e sua terra, desse modo entende-se que a tarefa da Associação é criar oportunidades para que os assentados expandam seus sonhos para a vida melhorar no assentamento.

Uma assentada mostra sua visão sobre morar no assentamento: “todo lugar tem problema né, (...)aí às vezes você está aqui e diz; mais aqui é ruim! e você muda e fica pior... então eu acho que aqui é um lugar muito bom de se viver, problemas tem; mas é isso mesmo, todo lugar tem”.

Vale ressaltar que na área do assentamento existem reservas importantes para a biodiversidade da caatinga e que, portanto, precisam ser preservados. Além do que são belos cenários naturais. São exemplos: a formação rochosa de lajeiro chamado popularmente de (pía) presente na reserva da salina (Figura 12); essa é uma formação rochosa que armazena água, quando está no período chuvoso, outros locais são os riachos com suas cascatas, ambientes que são frequentados, a reserva legal do assentamento em área de serra é um bom lugar para trilhas, as barragens existentes são frequentadas para o banho e pescaria. A sede da antiga fazenda com o casarão e a igreja (Figura 13) mostram a importância para se contar a história da região e são também importantes até pelo fato de poder serem utilizados em futuros projetos de turismo rural.

Figuras 12 e 13 – Pia da reserva da salina e casarão da antiga Fazenda Chupete.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho se deu em estudar a luta por terra e território no assentamento Todos os Santos, em Água Branca-AL, no Alto Sertão alagoano desde o início da ocupação em 1 de novembro de 2004 até os dias atuais em que se realiza a presente pesquisa: final de 2021 a início de 2022. A busca pelo entendimento de como se deu todo esse processo histórico, acreditamos ter sido relevante para o assentamento, pois torna toda a trajetória viva, quando documentamos tais acontecimentos, além de abrir um campo de debate e possíveis futuras pesquisas que deem conta das múltiplas questões inerentes ao assentamento e a reforma agrária.

Através de pesquisa bibliográfica e com ajuda de relatos de assentados entrevistados, observamos o histórico da luta pela terra em alagoas e no sertão alagoano e o que se pode constatar que foi um processo árduo e corajoso dos movimentos socioterritoriais de subverter e enfrentar uma estrutura agrária arcaica e extremamente desigual no estado de Alagoas. A CPT e o MST, além de outros movimentos criados posteriormente, foram essenciais para a criação dos assentamentos que existem no sertão alagoano e hoje enfrentam o processo de contrarreforma agrária, que é nocivo a territorialização camponesa.

Em relação a luta pela terra e território no assentamento Todos os Santos, todo o processo histórico foi conduzido pela CPT e caracterizou-se por resistência, conflitos internos e externos, mas teve o primeiro objetivo alcançado: a conquista da terra. A respeito da luta pela territorialização, se evidenciou que falta ao assentamento uma produção mais proveitosa, ou seja, mais eficiente, porém, dentro das práticas agroecológicas para a subsistência e geração de renda, entendendo que para isso, alguns importantes fatores são uma boa condução da política de créditos, assistência técnica e comercialização, ações que demandam interesse do estado. Nesse sentido, se observa também que a assistência técnica que até hoje se teve no assentamento, sempre careceu de estrutura material e foco na contextualização da realidade de produção do assentamento.

A ausência de posto de saúde e de escola são demandas que se fazem necessárias, na territorialização camponesa, assim como a democratização da internet e o acesso a água encanada, pois a realidade atual é diferente de tempos anteriores e os jovens necessitam de mais oportunidades e bem estar para poder recriar o campesinato. Nesse contexto, tem ocorrido conquistas de projeto pontuais pelo assentamento, que não resolvem os problemas maiores, como: renda e subsistência, mas, ajudam, a exemplo das cisternas de placas e calçadão, barragens subterrâneas, apriscos e casa de farinha.

Na questão do meio ambiente, no assentamento evidencia-se que é necessária uma maior preservação, tendo em vista, a ação de desmatamento que os relatos dos entrevistados indicam que ocorrem. Um objetivo que pode ser trabalhado é o turismo rural tendo em vista as belezas naturais e históricas do assentamento.

Por fim, concluímos com as falas de assentados, que são muito representativas do sentimento dos camponeses, com relação à percepção do assentamento como seu território:

“Eu já morei em vários lugares, mas aqui é o lugar que eu mais presei em morar, daqui eu só me mudo para o cemitério!”

“Aqui é um lugar muito bom de se viver, problemas tem, mas é isso mesmo, todo lugar tem”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. F. “Migração camponesa: dominação e resistência ao capital”. In: LUSA, M. G.; SILVA, M. E. F.; ALBUQUERQUE, C. F. (Org.). **O semiárido alagoano frente à crise do capital**: as faces da exploração e dominação da classe trabalhadora. Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luiz: Universidade Federal do Maranhão, 2013.
- ALMEIDA, R. A. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção**: a luta pela terra e o habitus de classe. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- ALMEIDA, L.; LIMA, J. C. S.; OLIVEIRA, J. S. (Orgs.). **Terra em Alagoas**: temas e problemas. Maceió: EDUFAL, 2013.
- CALDART, R. S. (Org.) Et.al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CARVALHO, C. P. **Análise de reestruturação produtiva**: da agroindústria sucroalcooleira alagoana. 3. Ed. Maceió: EDUFAL, 2009.
- CARVALHO, C. P. **Economia popular**: uma via de modernização para Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2016.
- COELHO, F. **O campo no Brasil contemporâneo**: do governo FHC aos governos petistas (questão agrária e reforma agrária – vol. 1)/Fabiano Coelho, Rodrigo Simão Camacho (Orgs.), - Curitiba: CRV, 2018, 330 p. ISBN 978-85-444-1871-0.
- CORRÊA, R. L. **A vida urbana em Alagoas**: a importância dos meios de transporte na sua evolução. Revista Terra Livre, São Paulo, n. 10. jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/115/113>. Acesso em: 05 out. 2021.
- COSME, C. M. **A resistência do campesinato assentado em uma formação territorial marcada pela contrarreforma agrária: da luta pela terra à luta para permanecer no território dos assentamentos rurais no Sertão alagoano**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Geografia, Recife, 2019. 522 f.
- DALPERIO, L. C. **Os movimentos socioterritoriais mais atuantes em ocupações de terras e famílias participantes no Brasil – 2000-2012**. Sociedade e Território, v. 27, n. 2, p. 126-148, 29 set. 2015.
- DELGADO, G. C.. **A questão agrária hoje**. In. MATTEI, Lauro (Org.). Reforma agrária no Brasil: trajetória e dilemas. Florianópolis: Insular, 2017.
- FERNANDES, B. M.; WELCH, C. A. Campesinato e agronegócio de laranja nos EUA e Brasil. In: FERNANDES, B. M. (Org.). **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p.45-70.

FIGUEIREDO, G. C. & PINTO, J. M. R. (2014) **Acampamento e Assentamento:** participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra. *Revista Psicologia & Sociedade*; 26(3), 562-571.

GONÇALVES, R. **Redemarcações das cercas de gênero:** recuo da participação política das mulheres nos assentamentos de reforma agrária. *Revista Lutas & Resistências*, Londrina, v.1, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista1aedioao/lr226-240.pdf>. Acesso em 10 set. 2021.

LAKATOS, E; MARCONI, M, A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, J. C. S. **CPT de Alagoas: uma Pastoral em movimento a serviço de famílias empobrecidas do campo**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; LIMA, José Carlos da Silva; OLIVEIRA, Josival dos Santos (Orgs.). *Terra em Alagoas: temas e problemas*. Maceió: EDUFAL, 2013, p. 363-392.

LINDOSO, D. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Edições Catavento, 2005.

LUSA, M. G. **O rural no semiárido e a formação sócio-histórica de Alagoas**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; LIMA, José Carlos da Silva; OLIVEIRA, Josival dos Santos (Orgs.). *Terra em Alagoas: temas e problemas*. Maceió: EDUFAL, 2013, p.345-362.

MARTINS, J. S. **Expropriação e violência: a questão política no campo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOURA, A. M. P. **Questão agrária em alagoas: a problemática do latifúndio canavieiro**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; LIMA, José Carlos da Silva; OLIVEIRA, Josival dos Santos (Orgs.). *Terra em Alagoas: temas e problemas*. Maceió: EDUFAL, 2013, p. 267-287.

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001b.

OLIVEIRA, A. U. **A Mundialização da agricultura brasileira**. In: ____ et al. (Orgs.). *Território em conflito, terra e poder*. Goiania: Kelps, 2014.

PAULINO, E. T. 1964 – **Por uma geografia dos camponeses**. 2ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2012. ISBN 978-85-393-0230-7.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998.

SANTOS, F. F. **A Questão Agrária Em Pauta: A Luta Pela Terra E Seus Impactos No Território Do Alto Sertão Sergipano**. Doutorado em geografia pela Universidade Federal da Paraíba. Boletim DATALUTA n. 113 – Artigo do mês: maio de 2017. ISSN 2177-4463.

SILVA, L. L. **A política da reforma agrária em Alagoas entre 2003-2013**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; LIMA, José Carlos da Silva; OLIVEIRA, Josival dos Santos (Orgs.). *Terra em Alagoas: temas e problemas*. Maceió: EDUFAL, 2013, p.89-106.

SILVA, F. F. **A Questão Agrária Em Pauta: A Luta Pela Terra E Seus Impactos No**

Território Do Alto Sertão Sergipano. Doutorando em geografia pela Universidade Federal da Paraíba. Boletim DATALUTA n. 113 – Artigo do mês: maio de 2017. ISSN 2177-4463.

SOUZA, M. J. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.77-116.

APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DO ASSENTAMENTO TODOS OS SANTOS
Figura 14 – Poço artesiano comunitário.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Figura 15 – Barragem subterrânea.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Figura 16 e 17 – Agrovila 2.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Figura 18 e 19 – Plantio de feijão e plantação de palma.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

Figura 20 – Trator no assentamento.



Foto: José Sidinei Ribeiro Gomes, Trabalho de campo, 2021.

APÊNDICE B - ROTEIROS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Objetivo: obter um panorama da luta pela reforma agrária em Alagoas, no passado e atualmente com maior enfoque para o Sertão.

Pessoas a serem entrevistadas: lideranças de movimentos sociais, professores(as) e pessoas ligadas à luta pela terra e pela reforma agrária em Alagoas.

1. Como foi no passado e como é atualmente a atuação dos movimentos de luta pela terra em Alagoas; em especial o seu movimento?
2. Existe uma unidade, uma luta coordenada, entre os diversos movimentos em Alagoas?
3. Nos dias atuais de acordo com as leis vigentes, ainda existe muitas propriedades aptas a reforma agrária em Alagoas?
4. Qual avaliação você faz da atualidade em relação aos movimentos de luta pela terra em Alagoas? encontram-se mobilizados e organizados ou diminuíram essas capacidades ao longo do tempo?
5. Quais são as principais pautas da Luta Pela Terra hoje? Os movimentos sociais defendem um modelo de reforma agrária diferente do que o INCRA implementa?
6. De acordo com dados do INCRA, a reforma agrária desde do final do governo Lula até os dias atuais vem sofrendo uma redução no número de novos assentamentos, sendo que nos governos Dilma, Temer e Bolsonaro está praticamente estagnada no país. A que se deve esse fato? crise econômica, vontade política dos governos ou a reforma agrária perdeu relevância na sociedade?

Objetivo: Compreender a construção das bases que deram forma ao movimento de luta pela terra no sertão e no assentamento todos os santos. Bem como, entender o sentimento em relação a situação atual do assentamento.

Pessoas a serem entrevistadas: (ex)sindicalistas, (ex)integrantes de movimentos sociais.

1. Como você ingressou nas lutas dos movimentos sociais?
2. Como se deu o processo de territorialização da luta Campesina no Sertão de Alagoas? Aponte momentos marcantes que você vivenciou na década de 1990?
3. Como ocorreu o trabalho de base para formação do assentamento Todos os Santos em Água Branca Alagoas?
4. Nos fale sobre a relevância daquele trabalho de base realizado e as tensões que envolveram aquele momento.
5. Fale se valeu a pena toda aquela luta e como você enxerga o assentamento nos dias de hoje. Quais objetivos idealizados no início da ocupação foram alcançados e quais ainda não foram?

Objetivo: ampliar o estudo a respeito da questão da assistência técnica e da produção agropecuária no assentamento buscando uma proposta de produção sustentável.

Pessoas a serem entrevistadas: Profissionais de assistência técnica e extensão rural: agrônomos(as) e técnicos(as) agrícolas.

1. Na sua opinião, uma alternativa de produção agrícola ou pecuária para o assentamento todos os santos devem ter quais pressupostos norteadores?
2. Quais são os atores que podem puxar uma mudança de perspectiva para a geração de renda no assentamento: o governo? em que nível? Os(as) próprios(as) assentados(as) através da associação? Quais outros?
3. você vê como possível a geração de uma renda suficiente para o sustento das famílias a partir da atividade rural, mesmo no contexto de semiárido do assentamento?

Objetivo: obter uma visão geral da temática pesquisada a partir de informações dos assentados.

Pessoas a serem entrevistadas: membros da diretoria da associação do assentamento e demais assentados.

1. Quando iniciou a ocupação da terra?
2. Foi via CPT ou MST?
3. Quantas famílias iniciaram a luta?
4. Qual a origem dessas famílias
5. Quanto tempo de acampamento?
6. Quais os conflitos?
7. Quais as dificuldades?
8. Como foi esse processo?
9. Quais as dificuldades após a entrada na terra?
10. Quantas famílias foram assentadas?
11. Como está organizado o assentamento?
12. A terra é coletiva? Mista?
13. O que se produz no assentamento?
14. Você comercializa algum produto? Tem alguma renda da produção?
15. Como é o processo de produção?
16. Usam agrotóxico?
17. Tem assistência técnica?
18. Quais os projetos a que as famílias tiveram acesso?
19. Como é o acesso a água no assentamento?
20. Como o assentamento está organizado? Tem associação?
21. Como é o acesso à educação?
22. Como é o acesso à saúde?
23. Principais aspectos culturais do assentamento? lazer, religião, cultura.
24. Qual a base da alimentação?
25. A vida melhorou ou piorou com o assentamento?
26. Quais os melhores momentos no assentamento?
27. Quais os momentos mais difíceis da luta e permanência na terra?
28. Quais os sonhos?
29. O que o assentamento significa para você?
30. Você percebe o assentamento como sendo o seu lugar? E seu território?